

ISSN 0101-9813

Circular Técnica

Agosto, 1997

Número, 1

***Principais Doenças e
Parasitas que Ocorrem
no Rebanho Ovino
de Roraima***

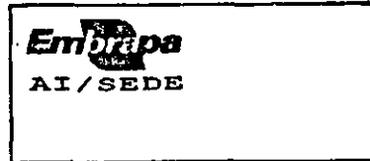


Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agroflorestal de Roraima
Ministério da Agricultura e do Abastecimento

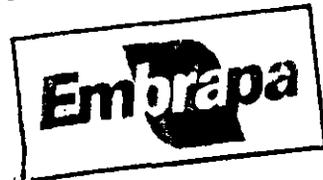
CIRCULAR TÉCNICA Nº 1

ISSN 0101 - 9813

Agosto 1997



***Principais Doenças
e Parasitas que Ocorrem
no Rebanho Ovino
de Roraima***



*João Luiz Girardi
Ramayana Menezes Braga*

*Boa Vista - RR
1997*

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:

Embrapa - CPAF-Roraima

Rod. BR-174 Km 08 - Distrito Industrial Boa Vista-RR

Caixa Postal 133

69301-970 - Boa Vista - RR

Telefone: (095) 625.6025

Fax: (095) 625.6004

e-mail: bib@cpafrr.embrapa.br

Expediente:

Normalização Bibliográfica: *Maria José Borges Padilha*

Diagramação: *Leonildo Uchôa Gomes*

Editoração Eletrônica: *José Ilton S. Barbosa*

Comitê de Publicações: *Francisco Joaci de Freitas Luz*
Marcos Antônio Barbosa Moreira
Otoniel Ribeiro Duarte
Roberto Dantas de Medeiros (presidente)
Suênia Cibele Ramos de Almeida

Tiragem: *350 exemplares.*

GIRARDI, J. L.; BRAGA, R. M. Principais doenças e parasitas que ocorrem no rebanho ovino de Roraima. Boa Vista: Embrapa-CPAF/Roraima, 1997. 10p. (Embrapa-CPAF/Roraima. Circular Técnica, 1)

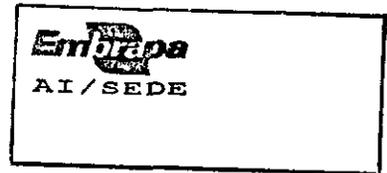
ISSN 0101 - 9813

1. Ovino - Doenças - Brasil - Roraima.
2. Ovino - parasita - Brasil - Roraima.

I. Embrapa. Centro de Pesquisa Agroflorestal de Roraima (Boa Vista,RR). II. Título; III. Série.

CDD 636.3

Sumário



| | |
|---|----|
| 1. Introdução | 5 |
| 2. Considerações Gerais | 5 |
| 2.1. Aquisição de animais | 6 |
| 2.2. Instalações | 6 |
| 2.2.1. Aprisco | 6 |
| 2.2.2. Bebedouros | 6 |
| 2.2.3. Pedilúvio | 7 |
| 2.3. Local de Isolamento | 7 |
| 3. Doenças Infecto-contagiosas | 8 |
| 3.1. Linfadenite Caseosa | 8 |
| 3.2. Pododermatite Necrótica | 9 |
| 3.3. Mamite | 10 |
| 3.4. Éctima Contagioso | 11 |
| 3.5. Ceraconjuntivite - ceratites - tumores de olhos | 12 |
| 4. Doenças Parasitárias | 13 |
| 4.1. Miíase | 13 |
| 4.2. Helmintos Gastrintestinais | 14 |

Principais Doenças e Parasitas que Ocorrem no Rebanho Ovino de Roraima

*João Luiz Girardi
Ramayana Menezes Braga*

Introdução

A ovinocultura no Estado de Roraima é desenvolvida na maior parte (90 %) em área de cerrado, de forma extensiva e associada à bovinocultura de corte. O rebanho atual é estimado em 39.730 cabeças com predominância das raças Barbados Barriga Negra, Morada Nova e Santa Inês. Os índices produtivos são considerados baixos, devido a vários fatores, destacando-se a alta taxa de mortalidade, estimada em torno de 40%. Desse índice, a maior percentagem decorre da morte de animais jovens com idade de até um ano, causada principalmente por doenças e parasitas.

O objetivo deste trabalho é descrever as principais doenças que são observadas com maior frequência no rebanho ovino do Estado e apresentar formas de prevenção e controle para auxiliar o ovinocultor na adoção de práticas de manejo sanitário eficaz .

2 - Considerações Gerais

Os ovinos, de um modo geral, são suscetíveis a doenças e/ou parasitoses que podem causar sérios problemas e comprometer o êxito da exploração. Adotar medidas preventivas para evitar a introdução, aparecimento ou a propagação de doenças e parasitas constitui condição indispensável ao manejo sanitário, pois são ações mais econômicas que o controle curativo.

A seguir, são citadas algumas medidas que deverão ser adotadas na propriedade para evitar o surgimento e/ou a propagação de doenças e parasitas, contribuindo para o êxito da criação de ovinos:

2.1. Aquisição de animais

Deverá ser feita sempre em propriedades idôneas, com exame minucioso do animal; para evitar a entrada da doença na forma latente. Antes de introduzir o animal no rebanho da propriedade, deve-se mantê-lo isolado em quarentena para observação.

2.2. Instalações

2.2.1. Aprisco

É onde os animais irão pernoitar, permanecendo longo período juntos. Deverá estar localizado em local alto e seco, apresentar boa ventilação e temperatura amena. Ter dimensões compatíveis com o número de animais, observando uma área útil de 1 m² para cada animal adulto e 0,5 m² para animal jovem.

A limpeza deverá ocorrer semanalmente e a desinfestação, quinzenalmente. As fezes recolhidas deverão ser depositadas em esterqueiras isoladas e distantes das pastagens utilizadas pelos animais.

Para a desinfestação, utilizar solução de formol a 5% ou Cresol a 2% , conforme descritas abaixo:

Solução de Formol a 5%

| | |
|------------------------------|---------|
| - Formol puro | 50 ml |
| - Água potável até completar | 1 litro |
| - Formol Comercial (40%) | 125 ml |
| - Água potável até completar | 1 litro |

Solução de Cresol a 2%

| | |
|-----------------------------|---------|
| -Creolina | 20 ml |
| -Água potável até completar | 1 litro |

2.2.2. Bebedouros

Deverão ser de fácil acesso, com constante renovação de água e localizados próximo ao aprisco e piquetes utilizados pelos animais.

A limpeza deverá ser semanal e a desinfestação quinzenal, utilizando-se as mesmas soluções desinfetantes citadas para o aprisco.

2.2.3. Pedilúvio

Deverá estar localizado na entrada do aprisco. Tem a finalidade de promover a desinfestação dos cascos que irá ocorrer com a entrada e saída dos animais da instalação. Deverá ser construído em concreto com dimensões de 2 m de comprimento, 10 cm de profundidade e com a largura da entrada do aprisco. Deverá ser mantido permanentemente com solução de formol a 10%, ou sulfato de cobre a 10%, ou cal virgem, conforme citados abaixo.

Solução de formol a 10%

| | |
|-----------------------------|---------|
| -Formol puro | 100 ml |
| -Água Potável até completar | 1 litro |
| -Formol Comercial (40%) | 250 ml |
| -Água Potável até completar | 1 litro |

Solução de Sulfato de Cobre a 10%

| | |
|-----------------------------|---------|
| -Sulfato de cobre | 10 g |
| -Água potável até completar | 1 litro |

Solução de cal virgem

| | |
|----------------------------|---------|
| Cal virgem | 400 g |
| Água potável até completar | 1 litro |

2.3. Local de Isolamento

Local destinado aos animais doentes. Deverá ser afastado do aprisco, em local sossegado, com área coberta, seguindo as mesmas recomendações do aprisco. Deverá ser mantido sempre limpo e higienizado. Dentro do possível montar pequeno estoque de medicamentos para casos de emergência.

3. Doenças Infecto-Contagiosas

3.1. Linfadenite Caseosa

É uma doença de fácil disseminação, vulgarmente conhecida como "mal-do-carço". Ataca os linfonodos (gânglios) superficiais e ocasionalmente poderá ocorrer nos gânglios internos de alguns órgãos.

Sintomas

Os animais afetados apresentam inflamações nos gânglios externos, produzindo abscessos (carços), com conteúdo purulento e caseoso de cor branca-acinzentada.

Em geral, a maior incidência de abscesso verifica-se nas gânglios pré-escapulares (paleta) e parotídeos (pescoço). Também poderá ocorrer nos pré-cruais (verilhas), mamários (úbere) e testiculares (bolsa escrotal).

Em caso de abscessos internos, os animais poderão apresentar problemas respiratórios e hepáticos. Sua presença no órgão reprodutivo de fêmeas poderá determinar a ocorrência de abortos.

Tratamento

Os animais portadores de abscessos deverão ser isolados antes da ruptura dos mesmos para que seja realizado o tratamento cirúrgico. O tratamento consiste inicialmente no corte dos pelos localizados na região do abscesso, limpeza do local com solução à base de iodo e corte do abscesso. O corte deverá ser amplo e vertical para permitir a retirada total do pus. Após, desinfetar o interior do carço com solução de iodo a 10%. Para evitar mifases (bicheiras), aplicar repelente sobre o local do corte. O material retirado deverá ser queimado ou enterrado. Os instrumentos utilizados deverão ser desinfetados. Os animais tratados deverão permanecer isolados até a completa cicatrização, quando poderão retornar ao rebanho.

Para preparar a solução de iodo a 10% utilizar:

| | |
|-----------------------|--------|
| -Iodo | 10 g |
| -Iodeto de potássio | 6 g |
| -Água destilada | 5 ml |
| -Álcool até completar | 100 ml |

Controle Preventivo

- Observar o rebanho periodicamente e isolar os animais doentes. Os *animais que rerepresentarem a enfermidade deverão ser abatidos*;
- Evitar a aquisição de animais com a doença.

3.2. Pododermatite Necrótica

Também conhecida como “podridão do pé”, “mal do casco”, “manqueira dos ovinos” e “foot-rot”. É uma doença ulcerativa que ataca os cascos dos animais.

Sintomas

Os animais contaminados, inicialmente, apresentam-se mancando levemente. Com a evolução da doença, a locomoção torna-se difícil, obrigando-os a pastarem de joelho ou permanecerem deitados. Nessa situação, os animais, isolam-se do rebanho, não se alimentam, emagrecem, podendo ocorrer morte por inanição.

Ao observar-se os cascos, verifica-se secreção purulenta e fétida entre os mesmos. Poderá haver presença de bicheira na região afetada, promovida pelo odor fétido que atrai moscas varejeiras.

Tratamento

Isolar o animal doente em lugar limpo e seco. Fazer o corte dos cascos com tesoura ou faca, retirando as partes que cresceram em excesso. Promover a limpeza e desinfestação do local afetado e iniciar o tratamento com aplicação diária de solução de iodo a 10% ou sulfato de cobre a 15%. A aplicação de repelente faz-se necessária para evitar bicheira. O animal deverá permanecer isolado até a sua cura, quando poderá retornar ao rebanho. Para a elaboração da solução de álcool iodado a 10%, seguir as recomendações citadas para o tratamento da Linfadenite Caseosa e, para elaboração da solução de sulfato de cobre a 15%, seguir as recomendações abaixo.

Solução de sulfato de cobre a 15%

- | | |
|-------------------------------|---------|
| -Sulfato de cobre | 150 g |
| -Água destilada até completar | 1 litro |

Em caso grave da doença, o tratamento requer a orientação de técnico especializado.

Controle Preventivo

- Evitar a permanência dos ovinos em áreas úmidas por períodos prolongados;
- Manter os cascos dos animais aparados, verificando o rebanho periodicamente
- Manter permanentemente o pedilúvio, da entrada do aprisco, com solução de formol a 10%, ou sulfato de cobre a 10%, ou solução de cal virgem;
- À noite, manter os animais em local seco e limpo.

3.3. Mamite

É inflamação que ocorre no úbere da fêmea, com grau de gravidade variável, sob as formas aguda, subclínica ou crônica.

A contaminação da fêmea poderá ocorrer pelo contato do úbere com o solo contaminado, penetração por ferimento no úbere ou através da amamentação de cordeiros contaminados.

Sintomas

As fêmeas contaminadas apresentam o úbere inflamado em sua totalidade ou parte, tornando-o dolorido ao toque, não permitindo a amamentação do cordeiro.

Nas formas subclínica ou crônica, que ocorrem com maior frequência, verifica-se a diminuição do leite, o úbere apresenta-se endurecido, com nódulos em uma ou nas duas tetas.

Na forma aguda, o leite apresenta alteração nas qualidades físico-químicas e a coloração amarelada.

Tratamento

Isolar os animais doentes e procurar orientação de técnico especializado para iniciar o tratamento com aplicações de antibióticos intramamária ou intramuscular.

Controle Preventivo

- Examinar periodicamente as fêmeas do rebanho, com exame minucioso do úbere e, em caso de suspeita, isolar o animal e iniciar o tratamento;
- Eliminar os animais que não apresentarem cura ou mamite crônica;
- Manter as instalações limpas e higienizadas;
- Adquirir somente animais saudáveis;
- Tratar todo e qualquer ferimento no úbere.

3.4. Éctima Contagioso

Igualmente conhecida como “boqueira”, “dermatite pustulosa contagiosa” e “boca crostosa”. Ataca com maior incidência os animais jovens que apresentam lesões nos lábios, focinho, úbere e, raramente, na região genital.

Sintomas

Inicialmente, verifica-se manchas avermelhadas na região afetada, transformando-se em bolhas que estouram, secam e formam uma crosta escura. Os animais afetados na região labial têm dificuldade de amamentarem-se ocasionando emagrecimento e retardo do crescimento. O animal curado apresenta imunidade à doença.

Tratamento

Isolar os animais doentes e iniciar o tratamento retirando com uma pinça as crostas existentes nas regiões afetadas. Aplicar diariamente solução de iodo a 10%, mais glicerina, na proporção de 1:1, com auxílio de chumaços de algodão ou gaze. Em caso de contaminação do úbere, utilizar solução de iodo a 10%, mais glicerina, na proporção de 1:3, conforme descritas abaixo.

Solução de Iodo com glicerina 1:1

| | |
|------------------------|-------|
| -Solução de iodo a 10% | 50 ml |
| -Glicerina | 50 ml |

Solução de Iodo com glicerina 1:3.

| | |
|------------------------|-------|
| -Solução de iodo a 10% | 25 ml |
| -Glicerina | 75 ml |

Os instrumentos utilizados no tratamento deverão ser desinfetados. Os materiais utilizados, gaze, algodão, e crostas retiradas deverão ser queimados ou enterrados.

Controle Preventivo

- Manter as instalações limpas e higienizadas;
- Isolar os animais doentes até a cura total;
- Evitar a aquisição de animais doentes.

3.5. Ceratonconjuntivite - Ceratites - Tumores de Olhos

Inflamação que ocorre nos olhos dos animais, afetando a conjuntiva córnea e/ou o globo ocular. Está estreitamente ligada a fatores como despigmentação e presença de pêlos em torno dos olhos

Sintomas

Como primeiro sintoma, observa-se vermelhidão das pálpebras com posterior lacrimejamento. Com a evolução, verifica-se o aparecimento de uma película branca que torna a córnea opaca, aumento do tamanho do globo ocular, podendo causar cegueira temporária. Em alguns casos, poderá haver, associado, o aparecimento de bicheiras.

Tratamento

Consiste em aplicações diárias de antibióticos oftálmicos, orientadas por um técnico especializado.

Controle Preventivo

- Isolar os animais doentes até a cura;
- Não adquirir animais que apresentem a mucosa ocular e pálpebras despigmentadas.

4. Doenças Parasitárias

As mais comumente observadas são as miíases (bicheiras) e helmintose gastrintestinais (verminose).

4.1. Miíase

É causada pela mosca varejeira que deposita seus ovos em ferimentos existentes no animal. Posteriormente, verifica-se o desenvolvimento de larvas formando a bicheira. Verifica-se maior ocorrência no início das chuvas, quando as condições ambientais favorecem a proliferação da mosca.

Sintomas

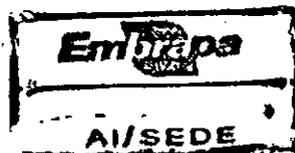
O animal fica indócil, perde o apetite e emagrece. Em alguns casos, pela localização da bicheira ou por falta de tratamento imediato, o animal poderá morrer.

Tratamento

Consiste em aplicação de larvicida, retirada das larvas e ministração de produto cicatrizante e repelente sobre a ferida.

Controle Preventivo

- Examinar o rebanho periodicamente e tratar todo o ferimento observado;
- Promover o corte do cordão umbilical do recém-nascido e aplicar solução de iodo a 10%;
- Realizar, sempre que possível, castração, marcação e brincagem, no período seco, e utilizar repelentes.



4.2. Helmintos Gastrintestinais

A verminose gastrintestinal é a responsável pela maioria das mortes no rebanho, principalmente de animais jovens.

Esses parasitas têm seu ciclo de vida, desenvolvido parte na pastagem e parte no intestino do animal.

A contaminação do animal dá-se pela ingestão de larvas infestantes existentes nas pastagens, procedentes de ovos dos vermes eliminados nas fezes dos animais.

Trabalhos de pesquisa desenvolvidos no Estado relatam que a presença de vermes na pastagem nativa ocorre durante todos os meses do ano, com maior infestação nos meses do período chuvoso (abril-agosto) proporcionado pelas condições ambientais de umidade e temperatura. No período seco, pela deficiência hídrica, as condições são mais adversas à sobrevivência de larvas, merecendo maior atenção na adoção de medidas estratégicas para seu controle.

Sintomas

Os animais contaminados por vermes apresentam baixo desenvolvimento corporal, pêlos sem brilho e arrepiados, diarréia, edema submandibular (papada), anemia e não se alimentam, podendo levar à morte.

Tratamento

Dosificar os animais parasitados com vermífugos de largo espectro, de preferência, para maior eficiência.

Controle Preventivo

Para as condições de criações extensivas, em pastagem nativa de cerrado no Estado, recomenda-se a adoção do controle estratégico de prevenção descrito abaixo:

- Realizar quatro vermifugações no ano: no período seco (setembro-abril) nos meses de dezembro, fevereiro e abril e no período chuvoso (maio-agosto); fazer uma vermifugação no mês de julho. Em caso de chuvas atípicas, promover vermifugações extras.
- Em condições diferentes às dos cerrados, o calendário deverá ser ajustado conforme as condições climáticas da região.

- A vermifugação deverá abranger todos os animais do rebanho com idade superior a 30 dias.
- Fazer rodízio de vermífugos, anualmente, utilizando sempre produtos com princípio ativo diferentes para maior eficácia e evitar resistência dos vermes aos vermífugos.
- Em caso de utilização de período de monta no rebanho, vermifugar as fêmeas 30 dias antes do início do período. Não vermifugá-las no terço inicial da gestação. Fazer vermifugações 30 dias antes e 15 dias após o parto para evitar ou diminuir a contaminação dos recém-nascidos.

Outras medidas preventivas também deverão ser adotadas:

- Realizar limpeza e desinfestação periódica das instalações;
- Manter as fezes em esterqueiras isoladas dos animais e pastagens;
- Vermifugar os animais adquiridos antes de juntá-los ao rebanho;
- Manter o rebanho vermifugado no abrigo por um período mínimo de 8 horas;
- Evitar a permanência constante dos animais em áreas úmidas;
- Em caso de utilização de piquetes da pastagem, evitar super lotação nas pastagens; fazer rodízio das pastagens; vermifugar os animais na troca de piquetes e separar os animais jovens dos adultos.